



Se existe ainda um único leitor amador neste mundo — ou alguém que simplesmente lê e sai correndo —, peço a ele, ou ela, com afeto e gratidão inexprimíveis, que divida a dedicatória deste livro, de igual para igual, com minha esposa e meus filhos.

**Erguei bem alto a viga, carpinteiros**

Numa certa noite, uns vinte anos atrás, quando a minha imensa família estava sitiada por um ataque de caxumba, minha irmã mais nova, Franny, foi levada, com berço e tudo, para o quarto a princípio livre de germes que eu ocupava com o meu irmão mais velho, Seymour. Eu estava com quinze anos, e Seymour com dezessete. Lá pelas duas da manhã, o choro da nossa nova colega de quarto me acordou. Fiquei deitado, imóvel, numa posição neutra por alguns minutos, escutando o escândalo até ouvir, ou sentir, que o Seymour se mexeu na cama ao lado da minha. Naqueles tempos, a gente deixava uma lanterna no criado-mudo entre as camas, para emergências que, até onde eu possa lembrar, jamais aconteceram. Seymour ligou a lanterna e saiu da cama. “A mãe falou que a mamadeira está no fogão”, eu disse a ele. “Eu dei a mamadeira pra ela agora há pouco”, Seymour disse. “Não é fome.” Ele foi no escuro até a estante de livros e ficou passando lentamente a lanterna pelas prateleiras. Eu sentei na cama. “O que é que você está fazendo?”, eu disse. “Eu achei que talvez fosse bom ler alguma coisa pra ela”, Seymour disse, e pegou um livro. “Ela tem dez meses, meu Deus do céu”, eu disse. “Eu sei”, Seymour disse. “Eles têm orelha. Eles não são surdos.”

A história que o Seymour leu para a Franny naquela noite, à luz da lanterna, foi uma das preferidas dele, uma história taoista. Até hoje a Franny jura que lembra do Seymour lendo para ela:

O duque Mu, de Chin, disse a Po Lo: “Você já tem muita idade. Haverá algum membro da sua família que eu possa empregar, para procurar cavalos em seu lugar?”. Po Lo respondeu: “Pode-se escolher um bom cavalo por seu porte geral e por sua aparência. Mas o cavalo excepcional — aquele que não levanta poeira e não deixa rastros — é algo

evanescente e fugaz, esquivo como a brisa. Os talentos de meus filhos são de um plano mais baixo; eles reconhecem um bom cavalo quando o veem, mas não reconhecem um cavalo excepcional. Eu tenho um amigo, porém, um certo Chiu-fang Kao, vendedor de combustível e legumes, que no que se refere a cavalos é em nada inferior a mim. Por favor, receba-o”.

O duque Mu o recebeu, e depois o enviou em busca de um corcel. Três meses depois, ele voltou com a notícia de que tinha encontrado o animal. “Ele está agora em Shach’iu”, acrescentou. “Que tipo de cavalo será?”, perguntou o duque. “Ah, é uma égua baia”, foi a resposta. No entanto, quando mandaram alguém buscar o animal, ele revelou-se um garanhão negro como carvão! Muito contrafeito, o duque mandou buscar Po Lo. “Aquele seu amigo”, ele disse, “que eu contratei para procurar um cavalo, fez tudo errado. Ora, ele não sabe nem distinguir a cor ou o sexo de um bicho! Como é que pode entender de cavalos?” Po Lo soltou um suspiro satisfeito. “Ele chegou mesmo a esse ponto, então?”, exclamou. “Ah, então ele vale dez mil vezes mais que eu. Não há comparação entre nós. O que Kao considera é o mecanismo espiritual; ao garantir o essencial, ele esquece os singelos detalhes; atento às qualidades interiores, perde de vista o que é externo. Ele vê o que quer ver, e não o que não quer. Olha para aquilo que devia olhar, e deixa de lado o que não precisa ser visto. Kao julga tão bem os cavalos que tem capacidade de julgar coisa ainda melhor.”

Quando o cavalo chegou, revelou-se de fato um animal excepcional.

Eu reproduzi a história aqui não apenas porque nunca deixo de fazer o que posso para recomendar uma boa chupeta em prosa para pais ou irmãos mais velhos de bebês de dez meses, mas por uma razão bem diferente. O que se segue imediatamente a isso é o relato de um dia de casamento em 1942. Trata-se, na minha opinião, de um relato fechado, com começo e fim e, além de

tudo, com uma mortalidade toda sua. E no entanto, como detenho essa informação, acho que devo mencionar que o noivo hoje, em 1955, não está mais vivo. Ele cometeu suicídio em 1948, quando estava de férias na Flórida com a esposa... Sem sombra de dúvida, contudo, o que eu realmente quero dizer aqui é: Desde que o noivo se aposentou definitivamente dos palcos, eu não consegui pensar em outra pessoa que me desse vontade de mandar procurar cavalos em seu lugar.

No fim de maio de 1942, a progênie — sete, ao todo — de Les e Bessie (Gallagher) Glass, artistas aposentados do circuito Pantages de teatro de revista, estava espargida, para empregarmos um vocabulário exuberante, por todos os Estados Unidos. Eu, para começo de conversa, o segundo mais velho, estava no hospital do exército de Fort Benning, na Geórgia, com pleurisia — uma pequena lembrancinha das treze semanas do treinamento básico da infantaria. Os gêmeos, Walt e Waker, tinham sido separados um ano antes. Waker estava preso num campo para os que se negaram a servir, em Maryland, e Walt estava em algum lugar do Pacífico — ou a caminho de lá — com uma unidade de artilharia de campanha. (Nós nunca soubemos direito onde o Walt estava naquele momento específico. Ele nunca foi um grande escritor de cartas, e pouquíssima informação pessoal — quase nada — chegou até nós depois da sua morte. Walt faleceu num acidente militar ridiculamente absurdo no fim do outono de 1945, no Japão.) A minha irmã mais velha, Boo Boo, que vem cronologicamente entre mim e os gêmeos, era alferes no Corpo de Voluntárias e estava de serviço, ora sim ora não, numa base da marinha no Brooklyn. Durante toda a primavera e o verão daquele ano, ela ocupou o apartamentinho em Nova York que eu e o meu irmão Seymour tínhamos praticamente abandonado depois de sermos convocados. Os dois filhos mais novos da família, Zooey (homem) e Franny (mulher), estavam com os nossos pais em Los Angeles, onde meu pai ainda tentava a sorte num estúdio de cinema. Zooey estava com treze anos, e Franny com oito. Os

dois apareciam toda semana num programa de perguntas no rádio que se chamava, com algo talvez da típica ironia aguda dos programas ouvidos em toda a nação, *É uma Sábia Criança*. Num ou noutro momento, bem vale acrescentar aqui este dado — ou, na verdade, num ou noutro ano —, todas as crianças da nossa família foram “convidados” semanais contratados do *É uma Sábia Criança*. Eu e Seymour fomos os primeiros a aparecer no programa, lá em 1927, com as respectivas idades de oito e dez anos, nos tempos em que o programa era “transmitido” de uma das salas de convenções do antigo Murray Hill Hotel. Nós sete, do Seymour até a Franny, aparecemos no programa com pseudônimos. O que pode soar tremendamente estranho, considerando-se que nós éramos filhos de artistas de vaudeville, uma raça que normalmente não é avessa à publicidade, mas minha mãe um dia leu um artigo numa revista a respeito do pequeno calvário das criancinhas profissionais — o quanto elas se veem afastadas de companhias normais, supostamente desejáveis — e adotou uma atitude ferrenha a respeito do assunto, e nunca, nunca mais pensou duas vezes nisso. (Não é o momento, não mesmo, de entrar em toda a questão de saber se a maioria das crianças “profissionais”, ou todas, deviam ser proibidas, lamentadas ou friamente executadas como inimigas da paz. Por enquanto, eu vou apenas comentar que os nossos rendimentos combinados no *É uma Sábia Criança* pagaram a universidade de seis de nós, e estão pagando a da sétima.)

Nosso irmão mais velho, Seymour — que é quase o meu único interesse aqui —, foi cabo naquilo que, em 1942, ainda se chamava Força Aérea. Ele estava de serviço numa base de B-17s na Califórnia, onde, *acho* eu, trabalhava com serviços de escritório. Posso acrescentar, não muito entre parênteses, que ele era de longe o menos prolífico de nós no quesito cartas. Acho que não recebi cinco cartas dele na minha vida inteira.

Na manhã do que era ou o dia 22 ou o 23 de maio (nenhum membro da minha família jamais datou uma carta), uma carta da minha irmã Boo Boo foi deixada ao pé do meu leito no hospital militar de Fort Benning enquanto o meu diafragma era atado

com fita adesiva (um procedimento médico comum em pacientes com pleurisia, que supostamente garantiria que eles não desmontassem de tanto tossir). Quando acabou o martírio, eu li a carta da Boo Boo. Não joguei a carta fora, e ela aparece aqui letra por letra:

CARO BUDDY,

Eu estou toda atrasada pra fazer as malas, então essa carta vai ser curta mas *penetrante*. O almirante Belisca-Traseiro decidiu que tem que pegar um voo pra regiões desconhecidas em nome do dever de guerra e decidiu também levar junto a secretária, se eu for boazinha. Eu estou é sem paciência pra isso. Fora o Seymour, o que vai ter por lá são galpões militares numas bases aéreas geladas e umas cantadas juvenis dos nossos pilotos e aquelas coisas horrendas de papel pra você vomitar no avião. A questão é que o Seymour vai casar — isso mesmo, *casar*, então por favor preste atenção. Eu não vou conseguir estar lá. Eu posso ficar seis semanas ou quem sabe até dois meses nessa viagem. Eu conheci a moça. Não vale nada na minha opinião, mas é bem linda. No fundo eu não *sei* se ela não vale nada. O negócio é que ela mal abriu a boca na noite em que a gente se conheceu. Só ficou ali sentada sorrindo e fumando, então nem é justo falar. Eu não sei nadinha do namoro em si, a não ser que parece que eles se conheceram quando o Seymour estava lotado em Monmouth no inverno. A mãe é de lascar — mexe com tudo quanto é arte e faz análise com um bom junguiano duas vezes por semana (ela me perguntou duas vezes, na noite em que a gente se conheceu, se eu já tinha feito). Ela me disse que só queria que o Seymour tivesse mais *relações* com outras pessoas. Sem nem piscar, disse que adora ele mesmo assim etc. etc., e que sempre ouvia ele religiosamente nos anos todos em que ele esteve no rádio. Eu só sei isso, fora que você *tem* que ir ao casamento. Eu nunca vou te perdoar se você não for. Sério. A mãe e o pai não conseguem vir lá do litoral. A Franny está com sarampo, pra começo de conversa. Aliás, você ouviu a participação dela semana passada? Ela estava uma fofura falando sem parar de como ela ficava



voando pelo apartamento inteirinho quando tinha quatro anos de idade e ninguém estava em casa. O locutor novo é pior que o Grant — se é que isso é possível, é pior até que o Sullivan lá das antigas. Ele disse que com certeza ela estava *sonhando* que sabia voar. A pequeninha defendeu a sua versão da história de um jeito lindo. Disse que tinha *certeza* que sabia voar porque quando pousava ela sempre tinha poeira nos dedos, de ter encostado nas lâmpadas. Como eu queria ver a Franny. E você também. Enfim, você *tem* que ir ao casamento. Suma sem pedir autorização, se for o caso, mas *vá*, por favor. É às três da tarde, no dia 4 de junho. *Muito* não sectário e Emancipado, na casa da avó dela, na rua 63. É um tal juiz que vai fazer o casamento. Não sei o número da casa, mas é exatamente a segunda depois da casa onde o Carl e a Amy levavam aquela vida de luxo. Eu vou passar um telegrama pro Walt, mas acho que ele já embarcou. *Por favor* vá, Buddy. Ele está com o peso de um gatinho e aquela cara de êxtase que não dá pra você abordar. Talvez dê tudo mais do que certo, mas eu estou odiando 1942. Acho que vou odiar 1942 até morrer, só por uma questão de princípios. Beijo grande e a gente se vê quando eu voltar.

Boo Boo

Uns dias depois da chegada da carta, eu tive alta do hospital, entregue aos cuidados, por assim dizer, de cerca de três metros de esparadrapo em volta das costelas. Aí começou uma extenuante batalha de uma semana para conseguir um passe e poder ir ao casamento. Acabei conseguindo depois de todo um esforço para cair nas graças do comandante da minha companhia, um sujeito que se confessava amante de literatura, cujo autor favorito, por sorte, era exatamente o meu autor favorito — L. Manning Vines. Ou Hinds. Apesar de sermos almas gêmeas, o máximo que eu consegui arrancar dele foi um passe de três dias, o que na melhor das hipóteses daria exatamente o tempo de ir de trem até Nova York, assistir ao casamento, jantar correndo em algum lugar, e aí voltar cabisbaixo para a Geórgia.

Todos os vagões comuns dos trens de 1942 contavam com uma ventilação meramente decorativa, pelo que eu lembro, viviam lotados de policiais do exército, e tinham cheiro de suco de laranja, leite e uísque de centeio. Passei a noite tossindo e lendo um número da *Ace Comics* que alguém teve a bondade de me emprestar. Quando o trem chegou a Nova York — às duas e dez da tarde do casamento — eu estava exausto de tanto tossir, pregado de cansaço, suando, amarrotado, e o esparadrapo coçava que era um inferno. A própria Nova York estava num calor indescritível. Não tive tempo de passar primeiro no apartamento, então deixei a bagagem, que consistia numa sacolinha de lona, com zíper, de aparência meio opressiva, num daqueles armários de aço da Penn Station. Para tornar tudo ainda mais provocativo, enquanto eu andava pelo Garment District tentando achar um táxi desocupado, um segundo-tenente do Signal Corps, a quem eu aparentemente não bati continência quando atravessei a Sétima Avenida, de repente saca uma caneta-tinteiro e anota o meu nome, meu número de identificação e meu endereço, enquanto vários civis observam interessados.

Eu estava um trapo quando finalmente peguei um táxi. Falei com o motorista e passei instruções que me levariam pelo menos até a antiga casa de “Carl e Amy”. Mas assim que chegamos àquela quadra, foi bem fácil. Era só seguir a multidão. Tinha até um toldo de lona. Pouco depois, eu já entrava numa casa enorme e era recebido por uma mulher muito altiva, de cabelo cor de lavanda, que me perguntava se eu era amigo da noiva ou do noivo. Eu disse do noivo. “Ah”, ela disse, “bom, vai ficar todo mundo junto mesmo.” Ela riu de maneira algo exagerada e me levou ao que parecia ser a última cadeira dobrável ainda vaga numa sala grande cheiíssima de gente. Eu tenho treze anos de um branco total no que se refere aos detalhes concretos gerais daquela sala. Além do fato dela estar entupida de gente e abafadíssima, eu só lembro duas coisas: que tinha um órgão tocando exatamente atrás de mim, e que a mulher sentada exatamente à minha direita se virou e declarou entusiasmada,

num sussurro exagerado, “*Eu sou a Helen Silsburn!*”. Pela localização das nossas cadeiras, deduzi que ela não era a mãe da noiva, mas, só para garantir, sorri e acenei com a cabeça de maneira simpática, e estava prestes a dizer quem *eu* era, mas ela pôs um decoroso dedinho diante da boca, e nós dois olhamos para a frente. A essa altura, já eram cerca de três da tarde. Fechei os olhos e fiquei esperando, um pouquinho receoso, que a qualquer momento o organista parasse com a música de fundo e mergulhasse no “Lohengrin”.

Não tenho uma ideia muito clara de como passou a hora e quarenta e cinco que se seguiu, descontado o fato de importância cardeal de que não houve mergulho no “Lohengrin”. Eu me lembro de um grupinho disparatado de rostos desconhecidos que se virava disfarçadamente, vez por outra, para ver quem estava tossindo. E lembro que a mulher que estava à minha direita se dirigiu de novo a mim, no mesmo sussurro meio empolgado. “Acho que alguma coisa está atrasada”, ela disse. “Você já tinha visto o juiz Ranker? Ele tem cara de *santo*.” E lembro da música do órgão guinando de maneira singular, quase desesperada, num dado momento, de Bach para algo do começo da carreira de Rodgers e Hart. Mas, no fundo, receio que eu tenha ficado o tempo todo fazendo pequenas visitas hospitalares a mim mesmo por ser obrigado a conter os ataques de tosse. No tempo todo em que fiquei naquela sala, eu tive uma constante e covarde sensação de que estava prestes a sofrer uma hemorragia, ou, na melhor das hipóteses, uma fratura de costela, apesar do colete de esparadrapos que estava usando.

Às quatro horas e vinte minutos — ou, para dizer de maneira diferente, e mais ríspida, uma hora e vinte minutos depois do que qualquer tipo de esperança pareceria justificar — a noiva ainda por casar, de cabeça baixa, com um genitor postado a cada lado, foi retirada da casa e conduzida, frágil, por uma longa escadaria de pedra que levava até a calçada. Foi então depositada — quase aos trambolhões, ao que se viu — no primeiro dos três

elegantes carros pretos que esperavam, em fila dupla, na frente da casa. Foi um momento excessivamente gráfico — um momento de tabloide — e, como bom momento de tabloide, veio com suas testemunhas oculares, pois os convidados (eu entre eles) já tinham começado a sair da casa, ainda que com certo decoro, em atentos, para não dizer fascinados, magotes. Se houve algum aspecto minimamente atenuante naquele espetáculo todo, o responsável foi o clima. O sol de junho brilhava tão forte e tão claro, era de uma presença tão multiflash-de-fotografia, que a imagem da noiva, enquanto ela descia os degraus de pedra quase como uma inválida, tendia a ficar borrada onde borrar tinha mais relevância.

Assim que o carro nupcial foi ao menos fisicamente removido da cena, a tensão na calçada — especialmente em torno da boca do toldo de lona, à beira da rua, onde eu, entre outros, estava parado — deteriorou-se e virou o que, fosse aquele imóvel uma igreja e fosse aquele dia um domingo, podia ter sido tomado pela confusão bem típica do momento da dispersão dos fiéis. Então, muito subitamente, chega a enfática informação — supostamente vinda do tio Al, tio da noiva — de que os convidados deveriam *usar* os carros estacionados na rua; ou seja, com ou sem recepção, com ou sem mudança de planos. Se a reação no meu entorno serve de parâmetro, a oferta foi de modo geral recebida como uma espécie de *beau geste*. Mas não ficou exatamente sem dizer, no entanto, que os carros deviam ser “usados” somente depois que um pelotão formidando — definido como a “família mais próxima” da noiva — tivesse usado os meios de transporte de que *eles* necessitavam para abandonar o local. E, depois de um retardo algo misterioso e com jeito de engarrafamento (durante o qual permaneci singularmente pregado onde estava), a “família mais próxima” de fato começou seu êxodo, com carros aceitando até seis ou sete pessoas, e outros apenas três ou quatro. O número, eu supus, dependia da idade, da atitude e da amplitude dos quadris dos primeiros ocupantes a tomar posse.

De repente, por sugestão — um tanto rude — de alguém que

estava de saída, eu me vi postado na sarjeta, bem na boca do toldo de lona, ajudando as pessoas a entrar nos carros.

Como eu acabei sendo selecionado para essa posição é algo que merece certa especulação. Até onde eu saiba, o opiniático desconhecido de meia-idade que me escolheu para o trabalho não tinha nem a mais remota ideia de que eu era irmão do noivo. Portanto, parece lógico que eu tenha sido escolhido por motivos outros, bem menos poéticos. O ano era 1942. Eu tinha vinte e três anos de idade, e vinha de ser convocado para o exército. O que me parece é que foram apenas a minha idade, a farda e a inequívoca aura servil de um verde-oliva fosco que não deixaram espaço para dúvidas quanto à minha adequação para a posição de porteiro temporário.

Eu não apenas tinha vinte e três anos de idade, mas era um camarada visivelmente lerdo para os seus vinte e três anos. Lembro de colocar as pessoas nos carros sem nenhum grau de competência. Pelo contrário, eu lidei com aquilo como um cadete, com uma aparência dissimulada de concentração, de cumprimento de dever. Depois de alguns minutos, na verdade, fui ficando mais do que consciente de estar servindo às necessidades de uma geração predominantemente mais velha, mais nanica e mais carnuda, e o meu desempenho como segurador de braços e fechador de portas se revestiu então de um poderio ainda mais impostado. Comecei a me comportar como um jovem gigante excepcionalmente hábil e completamente encantador, com tosse.

Mas o calor daquela tarde era, para dizer pouco, opressivo, e as compensações do meu ofício devem ter me parecido cada vez mais irrelevantes. Abruptamente, embora o grupo da “família mais próxima” mal parecesse ter começado a diminuir, eu mesmo me atirei num dos carros recém-carregados, bem quando ele começava a se afastar do meio-fio. Ao fazer isso, minha cabeça deu uma pancada bem audível (quijá punitiva) na capota. Uma das ocupantes era ninguém menos que a minha sussurrante conhecida Helen Silsburn, e ela começou a me oferecer suas mais puras condolências. A pancada tinha aparentemente

ressoado pelo carro todo. Mas aos vinte e três anos eu era o tipo de rapaz que reage a qualquer ferimento que sua pessoa sofra em público, exceto uma fratura craniana, com uma risada oca, soando debiloide.

O carro seguia para oeste, direto, por assim dizer, para dentro da fornalha aberta do céu daquele fim de tarde. Continuou rumo oeste por duas quadras, até chegar à avenida Madison, e então fez um brusco ângulo reto para o norte. Fiquei com a sensação de que estávamos todos sendo salvos de ser engolidos pelo terrível forno do céu apenas graças à imensa atenção, e à competência, do anônimo chofer.

Nas primeiras quatro ou cinco quadras rumo norte pela Madison, a conversa no carro ficou basicamente limitada a comentários como “Eu estou te dando espaço?” e “Eu nunca passei tanto *calor* na minha vida”. Aquela que nunca tinha passado tanto calor na vida, como eu fiquei sabendo depois de prestar atenção em certos comentários na calçada, era a Dama de Honra da noiva. Era uma moça robusta de seus vinte e quatro ou vinte e cinco anos, com um vestido cor-de-rosa de cetim e uma tiara de bem-me-queres artificiais no cabelo. Havia nela um nítido éthos atlético, como se, um ou dois anos antes, ela pudesse ter se formado em educação física na universidade. No colo, segurava um buquê de gardêneas quase como se fosse uma bola murcha de vôlei. Estava sentada no banco de trás, espremida entre o quadril do marido e o de um velhote minúsculo de fraque e cartola, que segurava um charuto cubano apagado. A sra. Silsburn e eu — nossos respectivos joelhos internos se tocando sem malícia — ocupávamos os bancos retráteis, de frente para eles. Duas vezes, sem qualquer desculpa que fosse, meramente demonstrando aprovação, eu dei pequenas espiadas no velhote minúsculo. Quando originalmente carreguei o carro e segurei a porta para ele, eu tive um breve desejo de pegar o sujeitinho no colo e fazê-lo passar delicadamente pela janela aberta. Ele era a baixa estatura encarnada, e certamente não teria mais que um metro e quarenta e cinco, quarenta e sete, sem no entanto ser anão. No carro,

ficou olhando para a frente com uma expressão muito severa. Na segunda vez que olhei para ele, percebi que tinha o que parecia muito uma antiga mancha de molho na lapela do fraque. Percebi também que sua cartola ficava a uns bons dez ou doze centímetros do teto do carro... Mas na maior parte do tempo, nos primeiros minutos dentro do carro, eu ainda estava mais preocupado era com o meu estado físico. Além da pleurisia e de um galo na cabeça, eu tinha a hipocondríaca sensação de que estava ficando com a garganta inflamada. Fiquei ali subrepticamente enroscando a língua para trás e explorando a parte putativamente afetada. Estava com os olhos fixos, pelo que eu lembro, na nuca do motorista, que era um mapa em relevo de cicatrizes de furúnculos, quando de repente minha companheira de assento se dirigiu a mim: “Eu não tive oportunidade de te perguntar lá dentro. Como é que vai a querida da sua mãe? Você não é o Dickie Briganza?”.

Minha língua, no momento da pergunta, estava enroscada explorando já os limites do palato mole. Eu desembrulhei a língua, engoli a saliva e me virei para ela. A sra. Silsburn tinha cinquenta anos de idade, ou perto disso, e vestia roupas finas e elegantes. Estava usando uma camada pesada de maquiagem. Eu disse que não — não era.

Ela estreitou os olhos um quase nada e me disse que eu era igualzinho ao filho da Celia Briganza. A boca. Tentei demonstrar pela minha expressão que se tratava de um equívoco que qualquer um podia cometer. Então continuei olhando fixo para a nuca do motorista. O carro estava quieto. Dei uma espiada pela janela, para mudar de cenário.

“O que você está achando do exército?”, a sra. Silsburn perguntou. Abrupta, sociavelmente.

Tive um breve ataque de tosse naquele exato momento. Quando acabou, eu virei para ela com toda a alacridade de que pude dispor e disse que tinha feito muitos amigos. Era meio difícil, para mim, girar na direção dela com todo aquele invólucro de esparadrapo em torno do diafragma.

Ela concordou com um gesto da cabeça. “Eu acho que vocês

são todos maravilhosos”, ela disse, de maneira um tanto ambígua. “Você é conhecido da noiva ou do noivo?”, ela então perguntou, chegando delicadamente ao que interessava.

“Bom, na verdade, eu não sou exatamente um conhecido de —”

“Melhor você não me dizer que é conhecido do *noivo*”, a Dama de Honra me interrompeu, lá do banco de trás. “Eu queria era pôr as mãos nele por coisa de *dois minutos*. Só *dois minutinhos*, nada mais.”

A sra. Silsburn se virou breve mas completamente para sorrir na direção de quem tinha falado. Então se voltou de novo para a frente. Nós fizemos essa ida e volta, na verdade, quase em uníssono. Considerando-se que a sra. Silsburn tinha se virado por um mero instante, o sorriso com que brindou a Dama de Honra foi uma espécie de obra-prima do mundo dos bancos retráteis. Foi nítido o suficiente para manifestar ilimitado apoio a toda a mocidade, do mundo inteiro, mas acima de tudo àquela sua intrépida e loquaz representante, a quem, talvez, ela tivesse sido apresentada de maneira pouco mais que perfunctória, se tanto.

“Mocinha sanguinária”, disse uma risonha voz masculina. E a sra. Silsburn e eu nos viramos outra vez. Quem tinha falado era o marido da Dama de Honra. Ele estava sentado exatamente atrás de mim, à esquerda da esposa. Eu e ele trocamos aquele olhar vazio, desprovido de camaradagem que, no crapuloso ano de 1942, somente um oficial e um recruta podiam trocar. Primeiro-tenente do Signal Corps, ele estava usando um interessantíssimo quepe de piloto — um boné de cuja copa se removera a armação de metal, o que normalmente conferia a quem o usava certo ar destemido, supostamente desejável. Nesse caso, no entanto, o quepe não estava à altura. Parecia meramente servir para fazer com que a minha cobertura exagerada, regulamentar, se assemelhasse a um chapéu de palhaço que alguém tivesse arrancado às pressas do incinerador. O rosto dele era pálido e, essencialmente, assustado. Ele transpirava com uma abundância quase inacreditável — na testa, no lábio superior e até na ponta



do nariz —, num grau em que um tablete de sal já podia ser recomendável. “Eu sou casado com a moça mais sanguinária da região”, ele disse, dirigindo-se à sra. Silsburn e soltando outra risadinha suave, pública. Em deferência automática à sua patente, por muito pouco não rio também — uma risadinha curta, inane, de soldado convocado, que significaria claramente que eu estava ao lado dele e de todos os outros ali no carro, contra ninguém.

“Eu estou falando *sério*”, a Dama de Honra disse. “Só dois minutos — e pronto, meu irmão. Ah, se me deixassem pôr essas duas *mãozinhas* aqui —”

“Tudo bem, então, mas calma lá, calma lá”, seu marido disse, ainda dispondo de uma fonte aparentemente inexaurível de bom humor conjugal. “Calma lá, que assim você vai mais longe.”

A sra. Silsburn olhou de novo para o fundo do carro e concedeu à Dama de Honra um sorriso praticamente canonizado. “Alguém viu o povo lá dele no casamento?”, ela inquiriu em tom suave, com a mais leve das ênfases — ainda refinadíssima em seu comportamento — no pronome pessoal.

A resposta da Dama de Honra veio num volume peçonhento: “*Não*. Eles são todos lá da Costa *Oeste* ou sei lá de onde. Mas eu *queria* ter visto”.

A risadinha do marido soou outra vez. “E você ia ter feito o quê, se tivesse visto um deles, querida?”, perguntou — e piscou indiscriminadamente para mim.

“Bom, saber eu não *sei*, mas alguma coisa eu teria feito”, disse a Dama de Honra. A risadinha à sua esquerda se expandiu em volume. “Bom, mas teria mesmo!”, ela insistiu. “Eu ia ter dito alguma coisa pra eles. Assim. Santo Padre.” Ela falava com uma altivez cada vez maior, como se tivesse percebido que, animados pelo seu marido, nós todos que ficávamos ao alcance da sua voz estávamos achando algo encantadoramente direto — brioso — na sua noção de justiça, por mais que ela pudesse ser pueril, ou pouco prática. “Não sei *o que* eu teria dito a eles. Eu provavelmente só ia acabar cuspiendo alguma coisa idiota. Mas Santo *Padre*. Francamente! Eu simplesmente não aguento ver

uma pessoa sair impune de uma situação dessas. Não tenho sangue de barata.” Ela deteve seu ímpeto apenas pelo tempo que levou para receber novo impulso graças a um olhar de simulada empatia da sra. Silsburn. A sra. Silsburn e eu agora estávamos totalmente virados, supersociais, nos nossos bancos retráteis. “Mas é sério”, a Dama de Honra disse. “Você não pode ir *metendo o pé* na vida, magoando os outros quando te der na veneta.”

“Eu infelizmente sei muito pouco do rapaz”, a sra. Silsburn disse, delicada. “A bem da verdade, eu nunca falei com ele. Só fiquei sabendo que a Muriel tinha ficado noiva —”

“Ninguém falou com ele”, a Dama de Honra disse, de maneira algo explosiva. “Eu não falei com ele. Nós tivemos dois ensaios, e nas duas vezes o coitadinho do pai da Muriel teve que ficar no lugar dele, só porque o avião maluco lá do sujeito não podia decolar. Era pra ele ter vindo pra cá terça passada, de noite, de carona com algum avião maluco lá do exército, mas estava *nevando* ou alguma coisa maluca dessas no Colorado, ou no Arizona, ou num desses lugares bem malucos, e ele só foi chegar à uma da *manhã, ontem de noite. Aí* — nesse horário insano — ele liga pra Muriel lá de Long Island ou sei lá de onde e pede pra ela ir se encontrar com ele no saguão de algum hotel horroroso pra eles poderem *conversar*.” A Dama de Honra estremeceu de maneira eloquente. “E vocês conhecem a Muriel. Ela é uma querida, e bem capaz de deixar Deus e o mundo passarem por cima dela. É isso que me dá nos nervos. Sempre essas pessoas mais boazinhas é que acabam se dando mal... Enfim, aí ela troca de roupa e entra num táxi e fica em algum saguão horroroso conversando até quinze pras *cinco* da manhã.” A Dama de Honra relaxou a mão que apertava o buquê de gardêneas apenas pelo tempo que lhe bastou para erguer dois punhos cerrados na frente do colo. “*Uuh*, eu fico tão louca da vida!”, ela disse.

“Que hotel?”, eu perguntei à Dama de Honra. “Você sabe qual?” Tentei fazer minha voz soar descontraída, como se, porventura, meu pai pudesse ser do ramo hoteleiro e eu tivesse algum compreensível interesse filial nos locais de hospedagem

das pessoas em Nova York. No fundo, a minha pergunta significava quase nada. Eu estava só pensando em voz alta, basicamente. Tinha ficado interessado pelo fato do meu irmão ter chamado a noiva para conversar com ele num saguão de hotel em vez do seu apartamento vazio e disponível. A noção de moral por trás desse convite não era nada destoante, mas me deixava interessado, ligeiramente, mesmo assim.

“*Eu* não sei qual hotel”, a Dama de Honra disse irritada. “Um *hotel* qualquer lá.” Ela me dirigiu um olhar firme. “Por quê?”, exigiu saber. “Você é amigo dele?”

Havia algo sem sombra de dúvida intimidante naquele olhar. Parecia provir de toda uma turba concentrada numa única mulher, separada apenas pelo tempo, e pelo acaso, de seu crochê e de uma esplendorosa vista da guilhotina. Eu morro de medo de turbas, de qualquer tipo, desde que me conheço por gente. “Nós crescemos juntos”, respondi, de modo quase ininteligível.

“Bom, sorte sua!”

“Ora, vamos”, disse o marido.

“Bom, mil *perdões*”, a Dama de Honra disse a ele, mas dirigindo-se a todos nós. “Mas não foi você que ficou uma hora inteira no quarto vendo aquela coitadinha chorar que nem uma condenada. Não é engraçado — e não dá pra esquecer. Eu já ouvi falar de noivos que se arrependem e tal. Mas não precisa ser no *último minuto*. Assim, você não faz uma coisa dessas de um jeito que acabe matando de vergonha um monte de gente da melhor qualidade e quase derrubando de vez a menina e tudo mais! Se ele tinha mudado de *opinião*, ora, por que não escreveu pra ela e pelo menos terminou com tudo que nem um cavalheiro, pelo amor dos santinhos? Antes de estragar tudo.”

“Tudo bem, calma lá, calminha aí”, o marido disse. Sua risadinha ainda estava lá, mas já soava um pouco tensa.

“Bom, mas é sério! Será que não dava pra ele escrever pra ela e contar tudo, sendo *homem*, e evitar essa tragédia toda?” Ela olhou para mim, abruptamente. “Você tem alguma ideia de onde ele foi parar, por acaso?”, exigiu, num tom duríssimo. “Se vocês foram amigos de *infância*, você deve ter alguma —”

“Eu cheguei a Nova York faz só duas horas”, eu disse, nervoso. Não só a Dama de Honra, mas seu marido e a sra. Silsburn também estavam me encarando a essa altura. “Até aqui, eu nem consegui pôr a mão num telefone.” Nesse momento, conforme eu lembro, tive um ataque de tosse. Foi bem legítimo, mas devo dizer que fiz muito pouco para conter ou diminuir sua duração.

“Você já foi dar uma olhada nessa tosse, soldado?”, o Tenente me perguntou quando parei de tossir.

Naquele instante eu tive outro ataque de tosse — totalmente legítimo, por estranho que possa parecer. Ainda estava virado como que quarenta e cinco ou noventa graus à direita no meu assento retrátil, com o corpo desviado para a frente do carro apenas o suficiente para poder tossir com a devida decência sanitária.

Parece uma coisa muito caótica, mas acho que é necessário introduzir um parágrafo bem neste ponto para abordar certas lacunas mais gritantes. Já de cara, por que eu fui ficando ali naquele carro? Na ausência de considerações ocasionais, o destino do carro era supostamente levar seus ocupantes até o prédio da noiva. Quantidade nenhuma de informação, de primeira ou de segunda mão, que eu pudesse vir a obter com a noiva combalida e não casada, ou com seus perturbados (e, muito provavelmente, furiosos) pais teria alguma chance de compensar o constrangimento causado pela minha presença no apartamento deles. Por que, então, eu ia ficando no carro? Por que eu não saí quando, digamos, nós paramos num sinal vermelho? E, ainda mais gritante, por que eu tinha entrado no carro para começo de conversa?... Acho que deve haver no mínimo uma dúzia de respostas para essas perguntas, e todas elas, por mais que sejam vagas, terão lá sua validade. Mas me parece que posso dispensá-las, reiterando apenas que o ano era 1942, que eu tinha vinte e três anos, vinha de ser convocado para o exército, vinha de receber conselhos quanto à eficácia de não se afastar do rebanho — e, acima de tudo, eu estava me sentindo

só. Você simplesmente pulava num carro cheio de gente, na minha opinião, e ficava sentado ali.

Voltando à trama, eu lembro que enquanto os três — a Dama de Honra, seu marido e a sra. Silsburn — estavam todos me encarando e me vendo tossir, eu dei uma espiada no velhote minúsculo no banco de trás. Ele ainda estava olhando fixo para a frente. Percebi, quase grato, que seus pés não chegavam direito ao chão. Eles me pareceram antigos e queridos amigos meus.

“O que é que esse sujeito *faz*, afinal?”, a Dama de Honra me disse quando eu emergi do meu segundo ataque de tosse.

“Está falando do Seymour?”, eu disse. Pareceu claro, de saída, pela inflexão da sua voz, que ela estava com algo singularmente ominoso em mente. Então, de repente, eu me dei conta — e foi meramente um reflexo de instinto — que ela podia secretamente estar de posse de uma variegada coleção de fatos biográficos a respeito do Seymour; ou seja, a parte baixa, lamentavelmente dramática e (na minha opinião) basicamente traiçoeira dos fatos referentes a ele. Que ele tinha sido Billy Black, uma “celebridade” nacional do rádio, por cerca de seis anos durante a infância. Ou que, para dar outro exemplo, foi calouro da Columbia quando mal havia completado quinze anos.

“Isso, o *Seymour*”, disse a Dama de Honra. “O que é que ele fazia antes de entrar no exército?”

De novo eu tive o mesmo luminoso lampejo intuitivo de que ela sabia muito mais a respeito dele, por algum motivo, do que pretendia deixar claro. Parecia, para começo de conversa, que ela sabia perfeitamente bem que o Seymour dava aulas de inglês antes de ser convocado — que ele era professor universitário. *Catedrático*. Por um segundo, na verdade, enquanto olhava para ela, eu tive a sensação extremamente incômoda de que ela podia até saber que eu era irmão do Seymour. Não era uma ideia na qual eu quisesse me deter. Em vez disso, olhei indiretamente nos olhos dela e disse, “Ele era quiropodista”. Então, abruptamente, me virei e fiquei olhando pela janela. O carro estava imóvel fazia alguns minutos, e eu tinha acabado de me dar

conta de um som de tambores marciais à distância, vindo dos lados da Lexington ou da Terceira Avenida.

“É um desfile”, disse a sra. Silsburn. Ela também tinha se virado.

Nós estávamos na altura das ruas 80 e muito. Um policial estava postado no meio da avenida Madison e segurava todo o trânsito nos sentidos norte e sul. Até onde eu pudesse ver, ele estava *apenas* segurando o trânsito; ou seja, sem redirecionar os carros para leste ou oeste. Havia três ou quatro automóveis e um ônibus esperando para seguir rumo sul, mas o nosso carro era por acaso o único veículo que se dirigia para o norte da cidade. Na primeira esquina, e no que eu conseguia enxergar da transversal mais à frente que levava para a Quinta Avenida, havia duas ou três camadas de pessoas junto do meio-fio e na calçada, esperando, aparentemente, que um grupo de soldados, ou enfermeiras, ou escoteiros, ou sei lá o quê, saísse de seu ponto de partida na Lexington ou na Terceira Avenida e passasse marchando por ali.

“Ah, *Senhor*. Era bem o que me faltava”, disse a Dama de Honra.

Eu me virei, e quase que dou uma cabeçada na testa dela. Ela estava se inclinando para a frente, na direção do espaço que ficava entre mim e a sra. Silsburn, e praticamente invadindo esse espaço. A sra. Silsburn se virou para ela também, com uma expressão simpática, algo condoída.

“A gente pode ficar uma *semana* aqui”, a Dama de Honra disse, espichando o pescoço para poder olhar pelo para-brisa. “Eu devia estar lá *agora*. Eu disse pra Muriel e pra mãe dela que ia estar num dos primeiros carros e que ia subir até o apartamento em uns *cinco minutos*. Ah, meu Deus! Não dá pra gente *fazer nada?*”

“Eu também devia estar lá”, a sra. Silsburn disse, com alguma velocidade.

“Sim, mas eu *jurei* de pés juntos. O apartamento vai estar entupido de tudo quanto é tio e tia maluca e uns completos desconhecidos, e eu disse pra ela que ia ficar montando *guarda*

com umas dez baionetas pra garantir um pouco de privacidade pra ela e —” Ela se interrompeu. “Ah, meu Deus. Que horror.”

A sra. Silsburn deu uma risadinha afetada. “Acho que uma das tias malucas sou eu”, ela disse. Estava nitidamente ofendida.

A Dama de Honra olhou para ela. “Ah — desculpa. Eu não estava falando da senhora”, disse. Ela se recostou no banco. “Eu só estava dizendo que o apartamento deles é tão pequenininho e que se todo mundo começar a aparecer sem mais nem menos — a senhora sabe do que eu estou falando.”

A sra. Silsburn não abriu a boca, e eu não olhei para ela para ver qual a gravidade da ofensa que o comentário da Dama de Honra tinha gerado. Mas lembro de ter ficado impressionado, de modo especial, com o tom de desculpas que a Dama de Honra adotou ao lidar com seu pequeno deslize na menção a “tios e tias malucas”. Foi um legítimo pedido de desculpas, mas nada constrangido e, melhor ainda, nada bajulador, e por um breve momento eu fiquei com a sensação de que, malgrado toda aquela indignação meio cênica e aquela fibra moral um tanto exibicionista, havia *de fato* nela algo que lembrava uma baioneta, algo não completamente inadmirável. (Eu já adianto, rápido e de boa vontade, que minha opinião nesse caso tem valor muito limitado. Eu vivo sentindo uma atração um tanto excessiva por gente que não exagera nas desculpas.) A questão, no entanto, é que naquele exato momento, pela primeira vez, uma pequena onda de preconceito contra o noivo ausente passou por cima de mim, uma quase imperceptível marolinha de censura pela sua inexplicável ausência.

“Vamos ver se dá pra gente sacudir um pouco as coisas aqui”, o marido da Dama de Honra disse. Era basicamente a voz de um sujeito que não fica nervoso num tiroteio. Senti o movimento de suas tropas atrás de mim e então, abruptamente, sua cabeça se esgueirou no espaço limitado entre mim e a sra. Silsburn. “Chofer”, ele disse peremptório, e esperou por uma resposta. Quando ela veio, e prontamente, sua voz ficou um tanto mais tratável, democrática: “Quanto tempo você acha que isso aqui vai levar?”.

O chofer se virou para nós. “Aí você me pegou, chefia”, ele disse. E virou-se de novo para a frente. Estava fascinado pelo que acontecia no cruzamento. Um minuto antes, um menininho com um balão de gás vermelho semimurcho tinha entrado correndo na rua esvaziada, proibida. Ele acabava de ser capturado, e estava sendo arrastado de volta para a calçada pelo pai, que lhe dava soquinhos entre as espáduas com a mão quase fechada. O ato foi justificadamente vaiado pela multidão.

“Vocês *viram* o que aquele sujeito fez com aquela *criança*?”, a sra. Silsburn perguntou a todos ali. Ninguém respondeu.

“Que tal perguntar àquele policial quanto tempo a gente deve ficar preso aqui?”, o marido da Dama de Honra disse ao chofer. Ele ainda estava debruçado para a frente. Nitidamente não ficou satisfeito com a resposta lacônica à sua primeira pergunta. “Está todo mundo com um pouco de pressa, sabe. Você acha que dava pra perguntar a ele quanto tempo a gente deve ficar preso aqui?”

Sem se virar para trás, o motorista rudemente deu de ombros. Mas desligou o carro e saiu, batendo forte a porta pesada da limusine. Era um sujeito desalinhado, com jeito de valentão, num uniforme incompleto de chofer — terno preto de sarja, mas sem quepe.

De modo lento e muito independente, para não dizer insolente, ele deu os poucos passos que o levavam ao cruzamento, onde o policial de mais alta patente coordenava a situação. Os dois então ficaram conversando por um tempo infinito. (Ouvi a Dama de Honra soltar um gemido, atrás de mim.) Então, de repente, os dois homens deram uma imensa gargalhada — como se não estivessem nem conversando, mas sim trocando as piadas mais sujas. Então o nosso motorista, ainda rindo de maneira nada contagiante, acenou fraternalmente para o policial e foi — lentamente — voltando para o carro. Ele entrou, bateu a porta, puxou um cigarro de um maço que estava na prateleira do painel, meteu o cigarro atrás da orelha e então, e apenas então, virou-se para nos dar seu relatório. “Ele não sabe”, disse. “Tem que esperar passar o desfile.” Ele nos deu, a todos, uma olhada indiferente. “Depois a gente pode ir indo normal.”



Ele se voltou para a frente, libertou o cigarro da orelha e o acendeu.

Na parte de trás do carro, a Dama de Honra soltou estrepitosa manifestação de frustração e despeito. E fez-se silêncio. Pela primeira vez em muitos minutos eu dei uma espiada no velhote minúsculo com seu charuto apagado. O atraso não parecia atingi-lo. Seu padrão de comportamento para o tempo que passava sentado no banco de trás de um carro — um carro em movimento, imóvel ou até, era difícil não imaginar, um carro que alguém jogasse de uma ponte nas águas do rio — parecia preestabelecido. Era de uma simplicidade maravilhosa. Era só você ficar bem ereto, mantendo um espaço livre de dez ou doze centímetros entre a cartola e o teto, e encarar com ferocidade o para-brisa em frente. Se a Morte — que estava lá fora o tempo todo, talvez sentada no capô —, se a Morte entrasse miraculosamente pela janela e viesse te pegar, com quase toda a certeza você simplesmente levantava e ia com ela, com ferocidade mas em silêncio. Era bem capaz que você levasse o charuto, se fosse de tabaco cubano.

“O que é que a gente vai fazer? Ficar aqui *esperando?*”, a Dama de Honra disse. “Eu estou morrendo de calor.” E a sra. Silsburn e eu nos viramos no exato momento em que ela olhou diretamente para o marido pela primeira vez desde que os dois entraram no carro. “Será que não dava pra você chegar só um pouquinho mais pra lá?”, ela lhe disse. “Eu estou tão apertada aqui que mal consigo respirar.”

O Tenente, com uma risadinha, abriu as mãos de maneira expressiva. “Eu já estou praticamente sentado no para-lama, bem”, ele disse.

A Dama de Honra então olhou, com um misto de curiosidade e reprovação, para o passageiro que dividia o banco com eles, e que, como que inconscientemente dedicado a melhorar meu estado de espírito, estava ocupando bem mais espaço do que seria necessário. Havia quase uns quatro centímetros entre sua coxa direita e a base do encosto de braço do lado direito. A Dama de Honra sem dúvida percebeu também esse fato, mas, por mais

briosa que fosse, ela não estava exatamente à altura da tarefa que seria abordar aquele personagenzinho formidável. Ela se virou de novo para o marido. “Você consegue pegar os seus cigarros?”, disse irritada. “Nunquinha que eu consigo pegar os meus, do jeito que a gente está apertado aqui.” Com a palavra “apertado”, ela virou de novo a cabeça para lançar um olhar cheio de entrelinhas para o culpado de usurpar o espaço que ela acreditava ser seu de direito. Ele permaneceu extraordinariamente intocado. Manteve o olhar rigidamente cravado em frente, no para-brisa. A Dama de Honra olhou para a sra. Silsburn e ergueu expressivamente as sobrancelhas. A sra. Silsburn reagiu com uma expressão plena de compreensão e empatia. O Tenente, enquanto isso, tinha mudado o peso do corpo para a nádega esquerda, a da janela, e do bolso direito das calças de seu fardamento social tirou um maço de cigarros e uma caixinha de fósforos. Sua esposa pegou um cigarro e ficou esperando o fogo, que não se fez de rogado. A sra. Silsburn e eu ficamos observando o ato de acender aquele cigarro como se fosse uma novidade moderadamente encantadora.

“Ah, mil *perdões*”, o Tenente disse de repente, estendendo o maço de cigarros para a sra. Silsburn.

“Não, obrigada. Eu não fumo”, a sra. Silsburn disse rápido — num tom quase arrependido.

“Soldado?”, o Tenente disse, estendendo o maço para mim, depois da mais imperceptível hesitação. A bem da verdade, eu até gostei dele, por ter feito a oferta, por aquela pequena vitória da decência social sobre a casta, mas recusei o cigarro.

“Posso ver os seus fósforos?”, a sra. Silsburn disse, numa voz extremamente acanhada, quase infantil.

“Esses aqui?”, disse o Tenente. Ele entregou prontamente a caixinha de fósforos para a sra. Silsburn.

Enquanto eu ficava olhando com uma expressão de fascínio, a sra. Silsburn examinou a caixinha. Na parte externa, em letras douradas sobre fundo carmesim, estavam impressas as palavras “Estes Fósforos Foram Roubados da Casa de Bob e Edie Burwick”. “Que *amor*”, a sra. Silsburn disse, sacudindo a cabeça.

“Um amor mesmo.” Eu tentei demonstrar pela minha expressão que talvez não conseguisse ler o texto sem óculos; cerrei os olhos, de maneira neutra. A sra. Silsburn pareceu relutar para devolver a caixinha ao proprietário. Quando o fez, e o Tenente pôs de novo a caixinha no bolso do peito do uniforme, ela disse, “Acho que eu nunca vi uma coisa dessas”. Virada totalmente para trás, agora, em seu banquinho retrátil, ela ficou olhando com algum afeto para o bolso do peito do Tenente.

“A gente mandou fazer um monte no ano passado”, o Tenente disse. “É impressionante, sabe, como isso te poupa de ficar sem fósforos.”

A Dama de Honra se virou para ele — ou, na verdade, contra ele. “Não foi por *isso* que a gente mandou fazer”, ela disse. Olhou para a sra. Silsburn com uma cara de sabe-como-são-os-homens e lhe disse, “Eu nem sei. Eu só achei que era bonitinho. Chinfrim, mas bonitinho até. A senhora sabe”.

“É um amor. Acho que eu nunca —”

“A bem da verdade, nem é uma coisa tão original. Todo mundo tem hoje em dia”, a Dama de Honra disse. “Eu peguei a ideia, pra ser sincera, da mãe e do pai da Muriel. Eles sempre tinham fósforos assim em casa.” Deu uma tragada bem funda no cigarro, e enquanto ia falando, soltava a fumaça em pequenos jatos silábicos. “*Cruzes*, como eles são bacanas. Isso que *acaba* comigo nessa história toda. Assim, por que é que uma coisa dessas não acontece com as pessoas mais ordinárias do mundo, em vez de acontecer com as boazinhas? É isso que eu não entendo.” Ela olhou para a sra. Silsburn, em busca de uma resposta.

A sra. Silsburn sorriu de maneira ao mesmo tempo sofisticada, resignada e enigmática — o sorriso, na minha lembrança, de uma espécie de Mona Lisa do banquinho retrátil. “Eu vivo me perguntando”, ela refletiu em voz bem baixa. Então mencionou, de modo algo ambíguo, “A mãe da Muriel é a irmã caçula do meu falecido esposo, você sabe”.

“Ah!”, a Dama de Honra disse interessada. “Bom, então, *a senhora sabe*.” Ela estendeu um braço esquerdo incrivelmente

longo e bateu as cinzas do cigarro no cinzeiro que ficava sob a janela do marido. “Eu acho, sinceramente, que ela é uma das poucas pessoas brilhantes de verdade que eu conheci na vida. Assim, ela leu praticamente tudo que alguém já publicou. Credo, se eu tivesse lido só um décimo do que aquela mulher já leu, e esquecido, eu ficava era feliz. Assim, ela deu *aulas*, trabalhou num *jornal*, desenha as próprias *roupas*, faz tudinho dentro de *casa*. Ela cozinha que nem uma *deusa*. Cruzes! Eu acho, sinceramente, que ela é a pessoa mais marav—”

“Ela aprovava o casamento?”, a sra. Silsburn interrompeu. “Assim, eu estou perguntando porque fiquei semanas e semanas em Detroit. A minha cunhada faleceu repentinamente, e eu —”

“Ela é boazinha demais pra falar”, a Dama de Honra disse, sem se alterar. Sacudiu a cabeça. “Assim, ela é — a senhora sabe — *discreta* demais e tal.” Ela refletiu. “A bem da verdade, hoje de manhã foi a única vez que eu ouvi ela dar um pio sobre isso tudo, no fundo. E, também, foi só porque ela estava transtornada daquele jeito por causa da coitadinha da Muriel.” Estendeu o braço e bateu de novo as cinzas do cigarro.

“O que foi que ela disse hoje de manhã?”, a sra. Silsburn perguntou com avidez.

A Dama de Honra pareceu refletir por um segundo. “Bom, nada de mais, no fundo”, ela disse. “Assim, nada mesquinho nem ofensivo nem nada parecido. Ela só disse, no fundo, foi que o tal do Seymour, na opinião dela, era um homossexual latente, e que ele basicamente tinha medo de casar. Assim, ela não falou com maldade nem nada. Ela só falou — a senhora sabe — de um jeito inteligente. Assim, ela frequentou um psicanalista por anos e anos.” A Dama de Honra olhou para a sra. Silsburn. “Isso não é *segredo* nem nada. Assim, a própria sra. Fedder fala disso, então eu não estou entregando nenhum segredo nem nada.”

“Eu sei”, a sra. Silsburn disse rápido. “Ela é a última pessoa do —”

“Assim, o negócio é que”, a Dama de Honra disse, “ela não é o tipo de pessoa que vem me dizer uma coisa dessas sem saber direitinho do que está falando. E ela nunca, mas nunca ia ter

dito, pra *começo* de conversa, se a coitada da Muriel não estivesse tão — a senhora sabe — tão derrubada e tudo mais.” Ela sacudiu a cabeça de maneira lúgubre. “Cruzes, a senhora tinha que ter visto a coitadinha.”

Eu deveria, sem dúvida, fazer uma pausa aqui para descrever a minha reação geral ao conteúdo do que a Dama de Honra estava dizendo. Mas até prefiro deixar passar, por enquanto, se a leitora tiver paciência.

“O que mais que ela disse?”, a sra. Silsburn perguntou. “A Rhea. Ela disse mais alguma coisa?” Eu não olhei para ela — não conseguia tirar os olhos do rosto da Dama de Honra —, mas tive a fugaz e despropositada impressão de que a sra. Silsburn estava praticamente sentada no colo da narradora principal.

“Não. Não muito. Quase nada.” A Dama de Honra, refletindo, sacudiu a cabeça. “Assim, como eu disse, ela não teria dito *nada* — com gente em volta e tal — se a coitada da Muriel não estivesse tão acabada.” Ela bateu de novo as cinzas do cigarro. “Praticamente a única coisa que ela disse, fora isso, foi que o tal do Seymour era uma personalidade muito esquizoide e que, se você pensasse direitinho, no fundo foi melhor pra Muriel que as coisas tenham acabado desse jeito. O que faz sentido pra *mim*, mas eu não sei bem se faz pra Muriel. Ele é tão *cavalo* com ela que a coitada nem entende mais nada. É isso que me deixa tão —”

Ela foi interrompida nesse momento. Por mim. Na minha lembrança, eu estava com a voz trêmula, como sempre fica quando estou imensamente transtornado.

“O que fez a sra. Fedder chegar à conclusão de que o Seymour é homossexual latente e tem personalidade esquizoide?”

Todos os olhares — todos os holofotes, parecia —, os da Dama de Honra, da sra. Silsburn e até do Tenente, abruptamente convergiram para mim. “O quê?”, a Dama de Honra me disse, cortante, de modo vagamente hostil. E de novo eu tive uma vaga e abrasiva noção de que ela sabia que eu era irmão do Seymour.

“O que leva a sra. Fedder a pensar que o Seymour é um homossexual latente e tem personalidade esquizoide?”

A Dama de Honra olhou para mim e depois deu uma fungada muito eloquente. Ela se virou e recorreu à sra. Silsburn com o máximo possível de ironia. “A senhora chamaria de *normal* uma pessoa que gerou a ceninha de hoje?” Ergueu as sobrancelhas e ficou esperando. “Chamaria?”, ela perguntou muito, mas muito baixinho. “Seja honesta. Eu estou só perguntando. Pra iluminar o cavalheiro aqui.”

A resposta da sra. Silsburn foi toda delicadeza e imparcialidade. “Não, claro que não chamaria”, ela disse.

Eu tive um súbito e violento impulso de saltar do carro e sair correndo, em qualquer direção. Na minha lembrança, no entanto, eu ainda estava no meu banquinho retrátil quando a Dama de Honra se dirigiu novamente a mim. “Olha”, ela disse, no tom de voz pretensamente calmo que uma professora poderia adotar com uma criança que não somente é retardada, mas ainda fica o tempo todo com o nariz escorrendo de um jeito nojento. “Não sei o quanto você sabe do ser humano. Mas que tipo de homem, bom da cabeça, na noite da véspera de casar não deixa a noiva ir dormir de tanto ficar tagarelando que está *feliz* demais pra casar e que ela vai ter que *adiar* o casamento até ele estar mais *estável* senão ele não vai poder aparecer? *Aí*, quando a noiva explica como se ele fosse uma *criancinha* que tudo está combinado e planejado há meses, e que o pai dela gastou pilhas de dinheiro e teve um trabalho imenso e tal pra organizar uma recepção e tudo mais, e que os parentes e os amigos dela estão vindo de tudo quanto é canto do *país* — *aí*, depois dela explicar isso tudo, ele diz que sente muitíssimo mas que não pode casar enquanto não estiver menos *feliz* ou sei lá que loucura. Use a cabeça, agora, se não for pedir demais. Isso parece coisa de uma pessoa *normal*? Parece coisa de alguém bom da cabeça?” A voz dela agora estava muito aguda. “Ou parece coisa de alguém que devia estar de camisa de força?” Ela olhou para mim com muita severidade, e quando eu não me manifestei imediatamente em defesa ou me rendendo, se recostou pesadamente no banco e

disse ao marido, “Me dá outro cigarro, por favor. Isso aqui vai acabar me queimando”. Ela lhe passou a ponta em chamas, que ele apagou para ela. Ele então sacou de novo o maço de cigarros. “Acenda você”, ela disse. “Eu não tenho energia.”

A sra. Silsburn pigarreou. “Na minha opinião”, ela disse, “acabou sendo uma bênção as coisas terem —”

“E a *senhora*, o que acha?”, a Dama de Honra lhe disse com ímpeto renovado, aceitando ao mesmo tempo um cigarro que o marido acabava de acender. “Parece coisa de uma pessoa normal — de um *homem* normal — na sua opinião? Ou parece alguém que ou nunca *cresceu* ou é simplesmente algum tipo maluco de doido varrido?”

“Santa Madre. Eu não sei o que dizer, de verdade. Na minha opinião parece que foi uma bênção que as —”

A Dama de Honra subitamente se pôs na beira do banco, alerta, soltando fumaça pelas narinas. “Muito bem, esqueça, deixe isso de lado um minuto — eu não preciso disso”, ela falou. Estava se dirigindo à sra. Silsburn, mas na verdade se dirigia a mim através do rosto da sra. Silsburn, por assim dizer. “A senhora já viu — num filme?”, ela perguntou.

O nome que ela mencionou era o nome profissional de uma atriz-cantora algo conhecida naquele momento — e hoje, em 1955, bastante conhecida.

“Vi”, disse a sra. Silsburn com rapidez e interesse, e ficou esperando.

A Dama de Honra concordou com um aceno da cabeça. “Muito bem”, ela falou. “A senhora já notou, por acaso, que ela sorri meio torto? Assim, meio só com um lado do rosto? É bem perceptível se você —”

“*Percebi* — eu percebi sim!”, a sra. Silsburn disse.

A Dama de Honra tragou o cigarro e deu uma espiada — quase imperceptível — na minha direção. “Bom, aquilo é um tipo de *paralisia* parcial”, ela disse, soltando uma pequena rajada fumarenta com cada palavra. “E a senhora sabe como é que ela ficou desse jeito? Parece que esse tal de Seymour, tão *normal*, deu um tabefe nela e a moça levou nove pontos no rosto.” Ela

estendeu o braço (na falta, quem sabe, de uma rubrica cênica melhor) e bateu de novo as cinzas.

“Posso saber onde foi que você ouviu essa história?”, eu disse. Meus lábios estavam tremendo ligeiramente, como dois idiotas.

“Pode”, ela disse, olhando para a sra. Silsburn e não para mim. “A mãe da Muriel por acaso mencionou essa história faz duas horas, enquanto a Muriel chorava até não poder mais.” Olhou para mim. “Isso responde a sua pergunta?” Abruptamente passou o buquê de gardêneas da mão direita para a esquerda. Era a coisa mais parecida com um gesto nervoso que eu já tinha visto nela. “Só pro seu governo, aliás”, ela disse, olhando para mim, “sabe quem eu acho que você é? Eu acho que você é o irmão desse tal de Seymour.” Esperou, um quase nada, e quando eu não abri a boca: “Você é *parecido* com ele, naquela foto maluca, e por acaso eu sei que ele vinha ao casamento. A irmã ou sei lá quem disse pra Muriel”. O olhar dela estava fixamente preso no meu rosto. “É ou não é?”, perguntou ríspidamente.

Minha voz há de ter soado um pouquinho combalida quando respondi. “Sou”, eu disse. Meu rosto estava pegando fogo. De certa forma, no entanto, tive uma noção infinitamente menos esfiapada de autoidentificação do que em qualquer momento depois de descer do trem naquela tarde.

“Eu *sabia* que era”, a Dama de Honra disse. “Eu não sou imbecil, sabe. Eu soube na horinha que você entrou no carro.” Ela se virou para o marido. “Eu não falei que ele era o irmão na horinha que ele entrou no carro? Não falei?”

O Tenente alterou um quase nada sua posição no banco. “Bom, você falou que ele provavelmente — falou, você falou sim”, ele disse. “Falou sim.”

Não era necessário olhar para a sra. Silsburn para perceber a atenção com que ela recebeu essa novidade. Eu dei uma espiada num ponto atrás dela, furtivamente, para ver o quinto passageiro — o velhote minúsculo — e confirmar se sua insularidade continuava intacta. Continuava. Jamais a indiferença de uma



pessoa me consolou tão profundamente.

A Dama de Honra voltou à carga. “Pro seu governo, eu também sei que o seu irmão não tem nada de quiropodista. Então não me venha com gracinhas. Eu por acaso sei muito bem que ele foi o Billy Black no *É uma Sábia Criança* por coisa de cinquenta *anos* ou sei lá o quê.”

A sra. Silsburn repentinamente se engajou de maneira mais ativa na conversa. “O programa de rádio?”, ela inquiriu, e eu senti que me olhava com um interesse renovado, mais agudo.

A Dama de Honra não respondeu. “E *você* era quem?”, ela me disse. “*Georgie* Black?” A combinação de grosseria e curiosidade na voz dela era interessante, por mais que não fosse exatamente sedutora.

“*Georgie* Black era o meu irmão Walt”, eu disse, respondendo apenas a segunda pergunta dela.

Ela se virou para a sra. Silsburn. “Parece que a coisa toda é meio *secreta* ou sei lá o quê, mas esse sujeito aqui e o irmão dele, o tal do *Seymour*, fizeram esse programa de rádio com uns nomes fajutos ou sei lá o quê. Os irmãos *Black*.”

“Calma lá, querida, calma lá”, o Tenente sugeriu, um tanto nervoso.

A esposa se virou para ele. “Eu *não* vou ficar calma”, ela disse — e mais uma vez, em oposição a toda e qualquer inclinação natural, eu senti uma pequena dose de algo que bem parecia admiração pelo brio daquela mulher, real ou impostado que fosse. “Dizem que o irmão dele é inteligente, meu Deus do céu”, ela falou. “Universitário aos *catorze* ou sei lá o quê, e coisas assim. Se o que ele fez com aquela menina hoje é inteligente, eu sou Mahatma Gandhi! Eu não quero nem saber. Isso só me dá engulhos!”

Nesse exato momento, eu senti uma pontadinha extra de desconforto. Alguém estava examinando muito de perto o lado esquerdo, o mais fraco, do meu rosto. Era a sra. Silsburn. Ela se assustou um pouco quando eu me virei subitamente para ela. “Posso perguntar se você era Buddy Black?”, ela disse, e um certo tom de deferência naquela voz me fez pensar, por uma

fração de segundo, que ela estava prestes a me oferecer uma caneta-tinteiro e um pequeno álbum de autógrafos encadernado em marroquim. Essa ideia vaga me deixou nitidamente incomodado — levando-se em consideração, no mínimo, o fato de que nós estávamos em 1942, uns nove ou dez anos depois do meu apogeu comercial. “Eu estou perguntando”, ela disse, “porque o meu marido ouvia aquele programa, sem falha, todo santo —”

“Se a senhora quer saber”, a Dama de Honra a interrompeu, olhando para mim, “era o único programa que eu absolutamente odiava. Eu odeio criança precoce. Se um dia eu tivesse um filho assim —”

O fim da sua frase não chegou até nós. Ela foi interrompida, de modo repentino e inequívoco, pelo mais penetrante, mais ensurdecador e *impuro* berro em mi bemol que eu já ouvi. Todos nós ali no carro, tenho certeza, literalmente demos um pulo. Naquele momento, uma fanfarra, composta do que parecia ser uma centena, ou mais, de Escoteiros do Mar sem ouvido musical passava por nós. Com o que parecia ser um deleite quase criminoso, os rapazes estavam mergulhando de cabeça em “The Stars and Stripes Forever”. A sra. Silsburn, muito ajuizadamente, tapou as orelhas com as mãos.

Por uma eternidade de segundos, pareceu, o estardalhaço foi quase inacreditável. Apenas a voz da Dama de Honra poderia ter sido capaz de se destacar ali — ou, a bem da verdade, de sequer tentar. E quando o fez, era de imaginar que se dirigia a nós, obviamente aos gritos, de alguma grande distância, de algum ponto, possivelmente, nas redondezas das arquibancadas do Yankee Stadium.

“Eu não aguento!”, ela disse. “Vamos sair daqui e encontrar um *telefone!* Eu tenho que ligar pra Muriel e dizer que a gente atrasou! Ela vai ficar maluca!”

Com a chegada desse Armagedom local, a sra. Silsburn e eu tínhamos virado para a frente para ver. Agora nos viramos de novo para encarar a Líder. E, possivelmente, nossa libertadora.

“Tem um Schrafft’s na rua 79!”, ela berrou para a sra.